

O que mudou com o feminismo?

Sônia Corrêa

O que mudou com o feminismo? O que precisa mudar ainda? Essas perguntas aparentemente banais suscitam um verdadeiro caleidoscópio de novas interrogações: A partir de que marco temporal devem ser respondidas? Estamos falando do renascimento feminista pós Segunda Guerra, cujo marco inaugural foi a publicação do Segundo Sexo em 1949? Ou mais, trata-se de pensar o ciclo longo: milênios patriarcais que nos antecedem? Ou então, num recorte menos ambicioso, vamos rever a trajetória moderna ocidental (iniciada com Cristine de Pisan, passando por Sor Juana Inês de la Cruz, o Olympe de Gouges, Mary Wollestonescraft e que ganha fôlego com Engels, John Suart Mills, Nísia Floresta, Flora Tristan, Chiquinha Gonzaga, Emma Goldman e finalmente Pagu)? Ou devo fazer um opção minimalista e me restringir às transformações que observei desde quando a virgindade era um valor fundamental e nossas mães eram exclusivamente esposas freqüentemente angustiadas? As respostas serão muito diferentes em cada caso e essas diferenças não são em nada triviais.

Mas isto não é tudo. Também me perguntei a partir de onde: o Brasil? A América Latina? O mundo? E a partir de “quem”: de mim mesma? Da minha geração, no Brasil? Da geração de minha filha? Da mulher negra ex-empregada doméstica, sem aposentadoria, que vive numa favela carioca? Ou de sua filha que estourou na praça cantando rap e funk? Das mulheres Amaras bolivianas ou de Michelle Bachelet? Da jovem nascida na diáspora indiana nos Estados Unidos, que deve se submeter a um casamento “arranjado”, ou da feminista também indiana de minha idade que escolheu o marido e se casou só no civil na Califórnia, nos anos 1970. Da feminista etíope de 50 anos que foi submetida a mutilação genital feminina na infância e nunca ousou tratar do tema publicamente, ou de Susan a jovem Masai que conheci em 1996 e que vivia protegida numa escola por que havia se recusado a ser mutilada? Das jovens islâmicas franco-marroquinas que foram impedidas de usar o véu ou da mulher paquistanesa vítima de estupro coletivo que foi recentemente impedida de falar nas Nações Unidas? Das mulheres de Ruanda ou da jovem lésbica sueca que hoje faz um trabalho de prevenção de AIDS com a prostitutas do Camboja?

Sei bem que tudo isto pode parecer demasiadamente complexo e eventualmente “relativista”. Mas estou convencida que não é possível examinar os efeitos do feminismo desconsiderando histórias e contextos. Como disse a historiadora Joan Scott há mais de uma década: não há respostas simples para questões difíceis.

Por outro lado, parece não haver dúvida de que as muitas ondas de rebelião feminina alteraram e muito o lugar das mulheres e suas relações com o mundo e com homens, em especial nos últimos 50 anos. Nós as feministas sabemos disto já há algum tempo. Mas até os anos 1990 as mudanças da “condição feminina” eram predominantemente interpretadas como um efeito da educação das mulheres e da economia. Ao longo dos últimos dez anos, porém, inúmeros interpretes da realidade política e social na passagem para o século 21 têm

reconhecido o significado mais profundo desta transformação: Bourdieu, Castells, Giddens, Baumann, Beck, Hobsbawm, Touraine (para mencionar apenas alguns dos mestres) têm analisado o “fim do patriarcado” ou na fórmula mais sutil de Ulrich Beck: a revolução furtiva das mulheres, macia mas com garras afiadas, como um gato.

Este reconhecimento dos “mestres” tem efeitos paradoxais. Por um lado, legitima o feminismo de maneira nunca antes vista. Ou seja, foi preciso que eles falassem do feminismo para que o feminismo voltasse à pauta (isto por que até então se falava da mudança na condição feminina, mas não do papel do feminismo). Por outro lado, a leitura superficial do que dizem leva, com frequência, à conclusão apressada de que a questão está superada. Ou seja, que a revolução se completou e já é tempo de falar de outras coisas.

Mas independentemente do marco temporal ou do lugar a partir do qual respondemos as perguntas, que possamos escolher. A revolução feminista dos últimos cinquenta anos mudou muitas coisas, mas ainda não foi um terremoto capaz de alterar de vez a geologia profunda dos sistema sexo/gênero. Foi um cisma importante, mas não tão profundo e completo. As transformações provocadas parecem estar atravessando em muitos contextos, inclusive no Brasil, um momento de acomodação. Sobretudo, nada indica que estas mudanças sejam definitivas. Elas tem produzido reações virulentas em muitos quadrantes, sendo os fundamentalismos – religiosos, étnicos, nacionalistas – a expressão mais evidente deste *“backlash”*.

Os sintomas de que a revolução furtiva das mulheres está longe de ter sido completada podem ser encontrados nos lugares mais díspares. Se assim não fosse, o parlamento francês não teria adotado uma lei de paridade eleitoral nem uma nova legislação para assegurar em cinco anos trabalho e igual-salário para homens e mulheres. Hoje, na França, o gap salarial é da ordem de 20% e no Brasil de 27%, sendo, curiosamente, mais elevado nos estratos de maior escolaridade. Também podemos mencionar a escassez de mulheres na grande política brasileira, cujas razões exigem um maior investimento de pesquisa para que possamos compreender por que neste quesito o Brasil está muito atrás da Argentina, da Bolívia, do Chile, do México e até mesmo de Moçambique. O “machismo dos políticos brasileiros” não tem poder explicativos suficientes para esclarecer este enigma que, suspeito, é também determinado por peculiaridades dos ganhos relativos que mulheres brasileiras obtém se mantendo a meia distância da grande política.

Também é necessário falar das ambigüidades, paradoxos e desigualdades ainda muito flagrantes da esfera da vida privada. E aqui falo da cultura brasileira que conheço mais de perto. Hoje, sem dúvida, as mulheres têm maior autonomia pessoal, financeira, reprodutiva e sexual. Melhor ainda, os homens estão rapidamente alterando a relação com seus filhos e filhas, ou seja com a própria paternidade. Mas ainda assim não se alterou, por completo, a lógica de complementaridade, que é o traço mais marcante das relações de gênero na modernidade ocidental. Há o mundo das mulheres e o mundo dos homens. Não desapareceu entre as mulheres a expectativa de “mudar este homem”. Nem os homens deixaram para trás a fantasia de que ter uma mulher que ajuda a organizar melhor suas vidas. Um dos efeitos mais perversos da “complementaridade” é que tarefas domésticas, sejam elas quais forem, são coisas de mulher. Em todo o mundo e em todos os extratos de renda as mulheres trabalham algumas horas adicionais por semana para dar conta deste

“resíduo” (sem o qual as sociedades não funcionam).

E para falar de sexo e reprodução, a sexualidade feminina é mais livre e existem meios anticoncepcionais seguros. Mas não se superou por completo a velha idéia de que a mulher de muitos homens é meio devassa, mas homem de muitas mulheres continua sendo uma coisa mais que normal. Se você tem dúvidas, basta assistir a novela da oito. Existe maior autonomia sexual mas o aborto continua ilegal. E no plano afetivo seguimos emaranhadas no mito do amor romântico, com suas teias fusionais e suas rupturas dolorosamente radicais

Ou seja, cá estamos nós no meio do mundo e o mundo no meio do caminho.

Olhando para frente, além destas transformações incompletas que continuam nos instigando a pensar e fazer mais, o próprio feminismo está desafiado a se transformar. Ao longo dos últimos anos ampliou-se o entendimento acerca das diversidade e da desigualdade entre as mulheres e isto é muito positivo. Mas, em grande medida o pensamento feminista continua apegado a um concepção simplista e binária do sistema sexo/gênero. Esta lente estreita ocasiona muitos problemas no trato da diversidade sexual, que é uma questão incontornável de nossos tempos. Também fixa uma percepção simplificada de mulheres como “boas selvagens” ou vítimas e de homens como patriarcas eternos e brutos. Tais estreitezias precisam ser postas sobre a mesa e debatidas de maneira mais permanente.

Finalmente, se as mulheres e o próprio feminismo estão desafiados continuar se transformando o mesmo se aplica à masculinidade. A questão da transformação masculina está, sem dúvida, na pauta. Mas precisa de deslocar do foco subjetivo e privado: a paternidade, os dilemas de identidade sexual, a solidão, entre outra mazelas. Posso estar enganada, mas suspeito que a tarefa mais difícil que temos em mãos é fazer com que homens e mulheres juntos sejam capazes de conter o movimento regressivo que já está instalado para fazer retroceder os ganhos parciais da revolução feminista, o que inclui alianças firmes contra o fundamentalismo e um investimento no sentido de se re-fundar os princípios de laicidade do Estado.

Informe ABIA

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)
Rua da Candelária, 79/10º andar - 20091-020 - Rio de Janeiro/RJ
Tel: 21 22231040
Fax: 21 22538495
Correio eletrônico: abia@abiaids.org.br
Endereço eletrônico: www.abiaids.org.br
Presidente: Richard Parker
Coordenador-geral: Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr.
Assessoria de Comunicação: Claudio Oliveira